

internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

Rússia e Ucrânia param ataques ao setor de energia

Informação foi dada ontem pelo presidente dos EUA, Donald Trump

/ GUERRA DA UCRÂNIA

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse ontem que a Ucrânia e a Rússia concordaram em suspender os ataques ao setor de energia um do outro. Ainda não há confirmação de Kiev e Moscou. Criticado pelo aumento dos preços de combustíveis devido à guerra no Irã, o republicano agora diz que o problema é o conflito europeu. “A Ucrânia concordou em não atacar alvos de energia russos. A Rússia concordou com o mesmo. O aumento do preço do diesel no mundo é principalmente causado pela guerra Rússia/Ucrânia, não [pelo conflito no] Irã”, escreveu na rede Truth Social.

No domingo, Trump havia dito que tinha feito o pedido de trégua em um telefonema com o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, que não comentou o caso.

Se a trégua for verdadeira, sai ganhando mais imediatamente russo Vladimir Putin, que está sob pressão desde que Kiev escalou sua campanha com ataques de drones e mísseis de maior alcance contra o sistema energético russo.

Alvejando principalmente refinarias, os ucranianos levaram a uma crise de abastecimento ainda em curso na Rússia. O país, segundo maior produtor de petróleo do mundo, foi obrigado a vetar a exportação de diesel e gasolina, e passou a comprar combustíveis.

Postos mesmo em Moscou estão vivendo racionamento, e filas para abastecer duram horas. Isso e as ações contra centros logísti-



Postos em Moscou apresentam filas para abastecer que duram horas

cos de empresas de varejo online afetaram a avaliação de Putin, que perdeu alguns pontos. A guerra ainda tem apoio amplo, mas é o menor desde 2022.

Já os ataques da Rússia nesse setor se concentram na infraestrutura elétrica e de gás da Ucrânia. O país depende da commodity não só para indústrias, mas também para o aquecimento residencial. Com o inverno do hemisfério norte no horizonte, há o temor de como Kiev irá lidar com a falta de energia. No ano passado, a Ucrânia sofreu um colapso de seu sistema elétrico.

Como vive uma escassez de mísseis de interceptação, parcialmente suprida por parceiros europeus, a Ucrânia tem sido alvejada pelas forças de Putin. A violência está no maior nível de todo o conflito, e as mortes de civis atingiram um recorde desde o primeiro mês da guerra, março de 2022.

Zelensky vinha buscando ou-

tra trégua, no mar Negro, devido à escalada iniciada por ele contra o tráfego mercantil. Putin não havia aceitado. Estimativas apontam queda de 75% das exportações de grãos ucranianos, principal fonte de renda do país, e de 60% na Rússia. Para Trump, o problema se chama eleição parlamentar de novembro. Seu Partido Republicano pode perder o controle das duas Casas do Congresso, e a guerra no Oriente Médio é muito impopular principalmente pelo impacto nas bombas de combustível.

De 28 de fevereiro, quando EUA e Israel iniciaram a guerra contra o Irã, os preços da gasolina subiram até 50% nos postos americanos. Ontem, o preço do barril Brent, referência em contratos futuros, passou dos US\$ 108. Imediatamente antes do começo da guerra, estava em US\$ 70, e chegou a atingir US\$ 114 em maio, no auge das tensões.

Zelensky propõe que parceiros garantam acordo

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, afirmou ontem que o país sugeriu que seus parceiros internacionais assegurem um acordo com a Rússia que impeça a destruição de infraestrutura crítica, mas que Kiev não está convencida de que Moscou esteja disposta a cumprir qualquer acordo. Contudo, ele acrescentou que a “Ucrânia não está convencida de que a Rússia estará disposta a cumprir qualquer acordo”.

O comentário ocorre após o presidente dos EUA, Donald Trump, afirmar que ambos os países concordaram em interrom-

per ataques contra instalações de energia. “A proteção de alimentos, energia e outros recursos essenciais para a vida é fundamental, já que os ataques russos têm como alvo principal essas áreas. Diariamente, instalações de energia, infraestrutura portuária, logística e até armazéns que guardam alimentos e medicamentos na Ucrânia são atacados”, disse Zelensky na rede X.

Segundo ele, se os parceiros estiverem prontos para garantir que a Rússia realmente se abstenha de atacar a infraestrutura ucraniana, então Kiev estará pron-

ta para garantir uma “paralisação correspondente” nos ataques.

Se a trégua for confiável, de longo prazo, e tiver um impacto real na vida das pessoas que não se desfaça após as “eleições” russas, haverá um alívio da pressão sobre gasolina e diesel precisamente para esse período, comentou Zelensky.

“A guerra deve chegar ao fim. E reduzir a escalada em relação aos ataques contra a infraestrutura crítica pode ser o primeiro passo em direção à paz”, enfatizou ele, acrescentando que espera detalhes específicos dos aliados para um acordo com Moscou.

Estados do Golfo adiam conversas com o Irã por impasse em Ormuz

/ ORIENTE MÉDIO

Os Estados do Golfo adiaram uma reunião crucial com o Irã sobre a gestão do Estreito de Ormuz por falta de consenso, prejudicando os esforços regionais para reduzir as hostilidades em torno dessa hidrovia vital.

A reunião de ministros das Relações Exteriores estava marcada para ontem, em Omã, onde se esperava que o Irã e seus vizinhos árabes discutissem um acordo entre Teerã e Mascate para administrar temporariamente a navegação pelo estreito.

O Irã vem restringindo a navegação pela hidrovia desde que EUA e Israel iniciaram a guerra contra a República Islâmica, em fevereiro, transformando-a em um dos principais campos de batalha do conflito. Preços do petróleo subiram após o anúncio do adiamento.

O ministro das Relações Exteriores de Omã, Badr Albusaidi, afirmou que, em nome do consenso, a reunião regional marcada em Salalah foi adiada. Ele não forneceu mais detalhes. A reunião teria sido a primeira vez, em quase dois anos, que os principais diplomatas

dos seis integrantes do Conselho de Cooperação do Golfo – Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Kuwait, Catar, Omã e Bahrein – se sentariam em grupo com o chanceler iraniano.

Também se esperava a participação do Iraque. Mas o Bahrein, que ocupa a presidência rotativa do CCG e está entre os Estados do Golfo mais atingidos pelos ataques de retaliação do Irã, informou no sábado que não participaria.

O adiamento ocorre no momento em que a Arábia Saudita enfrenta uma crise crescente, após um ataque de drone lançado na quinta-feira a partir do Iraque – onde atuam milícias xiitas apoiadas pelo Irã – obrigá-la a fechar um oleoduto que liga o Leste do país, rico em petróleo, à costa Oeste. O oleoduto tornou-se vital para as exportações sauditas de petróleo desde que o Irã interrompeu o tráfego em Ormuz.

A renovação das preocupações com o abastecimento proveniente da região fez os preços superarem US\$ 100 na semana passada, alcançando o maior nível desde maio, após os ataques à infraestrutura saudita.

Diesel atinge preço recorde nos EUA e eleva custos para agricultores

/ ESTADOS UNIDOS

O preço do diesel nos Estados Unidos atingiu níveis recordes justamente no momento em que muitos agricultores precisam intensificar o uso de colheitadeiras, tratores e caminhões para a colheita de soja e milho, duas das principais commodities agrícolas do país. A alta se soma a um ano já marcado pelo aumento dos custos de fertilizantes, sementes e equipamentos, pressionando ainda mais as margens dos produtores.

Segundo a Associação Automobilística Americana (AAA), o diesel alcançou preço médio recorde de US\$ 6,05 por galão na sexta-feira. Os valores estão 60% acima dos registrados antes do início da guerra entre Estados Unidos, Israel e Irã, no fim de fevereiro, quando a média nacional era de aproximadamente US\$ 3,76 por galão.

A elevação ocorreu em meio à disparada do preço do petróleo e a interrupções no tráfego de navios-tanque pelo Estreito de Ormuz.

O aumento tem impacto não apenas durante a colheita, mas também no transporte dos produtos agrícolas. Segundo Paul Mit-

chell, professor de economia agrícola e aplicada da Universidade de Wisconsin-Madison, o combustível é necessário para retirar grãos dos campos, levá-los às propriedades e posteriormente transportá-los até os locais de comercialização.

O produtor de milho e soja Jason Kurtz, de Forest City, no Missouri, afirmou que está pagando o dobro pelo diesel neste ano. Sua colheitadeira consome cerca de 200 galões, ou 760 litros, de combustível por dia, e a previsão era utilizá-la durante 30 dias, além do diesel necessário para tratores e caminhões. Com as finanças já apertadas devido ao aumento dos gastos com fertilizantes e agroquímicos, Kurtz disse que o custo do combustível reduz diretamente sua margem de lucro.

Diante dos preços elevados, produtores com menor disponibilidade de caixa são os mais pressionados a reduzir ou adiar atividades para equilibrar as contas. Kurtz afirmou que pretende postergar parte dos trabalhos na expectativa de que o diesel fique mais barato. “Essa é uma das coisas boas da agricultura. Amanhã será diferente”, disse.